



Relatos da experiência da Oficina de Audiovisual “Educomunicação e o exercício da cidadania comunicativa”¹

Maria Cândida Noal Cassol²

Bruno Michelon Fenner³

Kamyla Claudino Belli⁴

Luciano Mattana⁵

Rosane Rosa⁶

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS⁷

RESUMO

Este artigo visa relatar a experiência da Oficina de Produção Audiovisual que integra o projeto Educomunicação e o exercício da cidadania comunicativa – Novos Talentos/CAPES, desenvolvido na UFSM. Os participantes da Oficina foram alunos da Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi e Instituto Estadual Padre Caetano de Santa Maria, RS. A metodologia utilizada foi a Educomunicação e a duração do projeto, que ocorreu durante o primeiro semestre de 2011, foi de quarenta horas aula. Com a Oficina, foi possível desenvolver a criticidade no pensar e no agir voltada ao protagonismo juvenil.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; audiovisual; direitos humanos; cidadania.

1. Introdução

O contato, cada vez maior entre os jovens e os dispositivos de comunicação e tecnologias da informação (TICs), acabou por tornar defasado o antigo modelo de ensino unilateral professor-aluno. Partindo do princípio que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social Hab. Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: maria_cassol@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social Hab. Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: fefenner@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social Hab. Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: kamyla.cb@hotmail.com

⁵ Supervisor técnico do projeto. Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Administração de Empresas pela mesma instituição. Professor do Departamento de Ciências da Comunicação e Coordenador do Laboratório de Pesquisa e Produção Sonora e Audiovisual da UFSM.

⁶ Coordenadora do projeto. Dra. Em Ciências da Informação e Comunicação pelo PPGCOM-UFRGS. Professora adjunta do Departamento de Comunicação e do Poscom da UFSM.

⁷ Os graduandos do Curso de Comunicação Social Hab. Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria Caio Bonamigo Dorigon, Diego Leite Machado da Luz, Gabriele Carneiro Feltrin da Silva, Taiza Machado Bartmann e Thana Barcellos também participaram da Oficina de Audiovisual.



(FREIRE, 1985, p.25), os educadores viram-se obrigados a procurar novas alternativas para interagir com seus alunos. Nesse contexto, surge a Educomunicação que, a partir das mediações tecnológicas, assume o caráter de (ou transforma-se em) políticas públicas. Essa área visa relacionar o campo da Educação e da Comunicação utilizando-se das diferentes mídias como um complemento ao programa escolar. Porém, para que a Educomunicação assuma esse caráter de política pública é preciso que tenha como pano de fundo a questão social e, assim, atinja o espectro da desigualdade, reduzindo-a.

A partir dessa perspectiva, o projeto Educomunicação e o exercício da cidadania comunicativa⁸ objetiva capacitar jovens de escolas públicas de periferia, por meio das diferentes linguagens comunicacionais, para que se tornem produtores de conhecimento e agentes de transformação social, transmitindo o aprendizado à comunidade e exercendo também o papel de educadores. Neste sentido, a Oficina de Audiovisual, que integra o projeto, desempenha um papel importante uma vez que a utilização dessa ferramenta no ensino mostra-se bastante atraente, principalmente, para os jovens que vivem uma realidade social menos favorecida. Assim, o projeto capacita não só tecnicamente os jovens, como também os insere no contexto multicultural da sociedade moderna. Siqueira (2003, p.4) explica como se dá esta possibilidade:

É fato que os processos de produção e reprodução da cultura dependem da sua comunicabilidade. Ora, se as comunidades possuem proficiências comunicativas diversas, os modos pelos quais se dá sua apropriação e ativação resultam em maior ou menor potencial criativo da cultura, sobretudo no que diz respeito ao reconhecimento das diversidades e à abertura para as diferenças.

Apoiada em Martín-Barbero, a autora destaca ainda a importância da mediação comunicativa na construção da identidade dos sujeitos participantes nos processos culturais. Isto porque, ainda segundo Barbero, a mediação trabalha para diminuir os espaços de exclusão e aumentar o número de emissores e produtores.

O presente trabalho dividir-se-á em duas partes. A primeira apresenta uma base teórica sobre Educomunicação e direitos humanos, a segunda descreve o processo

⁸ Financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – através do edital Novos Talentos.



comunicacional, dialógico e participativo ocorrido no decorrer dos encontros na Oficina de Audiovisual.

2. Educomunicação e Direitos Humanos

Nos últimos séculos, foram vários os documentos emitidos sobre os direitos do homem, até que, em 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) assinou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Princípio básico definido pela ONU é de que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (Art. 1º). Vale ressaltar que, apesar da reconhecida importância desta Declaração, ela não obriga juridicamente que todos os países a respeitem. Para garantir que os direitos básicos do homem sejam cumpridos, foram incorporados, de acordo com cada Estado, outros documentos à Declaração original.

No Brasil, por exemplo, segundo o Artigo 5º da Constituição “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”. Entretanto, é sabido que o que está escrito nem sempre condiz com a realidade cotidiana. São muitos os exemplos de descasos com os direitos básicos do homem. Basta sair às ruas e olhar a quantidade de pessoas desabrigadas e sem frequentar escolas, que vivem em condições subumanas. Isso pensando apenas no que diz respeito à habitação e educação.

Nesse estudo, pensaremos os direitos humanos em relação à comunicação. Tal relação pode ser analisada por dois vieses. “O primeiro é o que enxerga os direitos a partir do mundo da comunicação” (BARBOSA; BRANT, 2005, p.1). Ou seja, em que condições cada cidadão exerce seu direito de comunicar-se livremente. Já o segundo, “enxerga a comunicação a partir do mundo dos direitos humanos, seu papel na luta, promoção e efetivação desses direitos” (BARBOSA; BRANT, 2005, p.1). Ateremos neste segundo aspecto que melhor atende a finalidade do presente trabalho.

É interessante pensar a comunicação nesse sentido, pois, na atualidade, por intermédio da difusão das mídias digitais, é possível que pessoas, em diferentes locais, posicionem-se, manifestem suas opiniões, mobilizem-se e exerçam o seu direito de liberdade de expressão, bem como a conquista dos demais direitos. Em um país como o Brasil, com uma desequilibrada distribuição de renda e onde nove famílias controlam 85% dos meios de comunicação, estes novos meios cumprem um papel importante na



democratização da comunicação. Permite, além da heterogeneização da informação, a participação daqueles que até então estavam à margem de qualquer participação socioeconômica e política. Assim, fica claro que

[...] a democratização da comunicação é essencial para aproximá-la do papel de promotora dos direitos humanos. É preciso atuar contra as diferenças econômicas, sociais e políticas que fazem tão poucos terem condições de serem produtores de informação. Essa idéia reconhece a concepção da comunicação – manifestada em qualquer tipo de mídia – como um espaço de realização do conflito e de disputa de hegemonia na sociedade, superando o entendimento desta como área a ser tratada somente por especialistas (BARBOSA; BRANT, 2005, p.4).

A Educomunicação é uma metodologia que possibilita a democratização da comunicação como direito humano. Esta conexão entre Educação e Comunicação já vem sendo trabalhada há mais de três décadas. Entretanto, Soares (2011) destaca que o surgimento do neologismo Educomunicação vai além dessa simples união. Traz em seu âmago, um terceiro termo, a ação. Ou seja, a Educomunicação tem capacidade articuladora, de entrecruzar saberes e promover a interlocução entre os que constroem e/ou usufruem tais saberes. A alteração da realidade em que se vive é o principal objetivo da Educomunicação. Por isso, segundo o autor, ela é realizada por meio de uma cogestão, isto é, uma ação coletiva que visa transformar atores sociais em diretores, produtores de suas próprias realidades, caracterizando-a como forma de intervenção social.

Assim, a mídia integrando o cotidiano escolar, é fundamental que os professores reconheçam que o monopólio da transmissão de conhecimento está ultrapassado e atuem como articuladores da diversidade e promotores da cidadania. Ou seja:

Precisam aprender a utilizar a mídia não como resolução dos problemas impostos pela prática didática, mas como proposta que traga uma fonte de aprendizado a mais para ser trabalhada em sala de aula. Esta visão implica ter uma atitude sem preconceito, não somente porque colabora para desnudar a noção de verdade perpassada pelas mídias e aceita por um expressivo número de cidadãos, mas também porque pensa esse fenômeno como parte da nossa realidade (GAIA, 2001, p.35).



Esse aprendizado pressupõe considerar as pluralidades e singularidades dos educandos. O que possibilitará a formação de “ecossistemas comunicativos”.

Assim, para o presente trabalho, utilizaremos o conceito de Educomunicação, trabalhado por Soares (2003, p.1), como sendo:

[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas.

É interessante destacar que a prática da Educomunicação precisa estar presente desde o planejamento das ações que serão desenvolvidas até a avaliação dos resultados obtidos. Assim, os conteúdos trabalhados tornar-se-ão mais atraentes aos olhos dos envolvidos no processo de aprendizagem.

Neste sentido, o audiovisual configura-se como um recurso fundamental para o processo de conscientização, formação de opiniões, mobilização, exercício da cidadania e para a construção de uma identidade social, uma vez que integram uma “cultura imagética” na qual a população está exposta diariamente a produtos audiovisuais através da televisão, do cinema e da internet.

Assim, na Educomunicação, o audiovisual se caracteriza como instrumento eficiente, complementar à educação formal. Pela sua dinâmica, possibilita também uma experiência de absorção de conteúdos mais interativa e atraente. E, além disso, “esse processo de desconstrução da mídia, através da Educomunicação audiovisual, deve existir para proporcionar uma melhor visão sobre a realidade e incentivar a leitura e a busca do conhecimento” (OLIVEIRA, 2008, p. 4).

Uma pessoa com conhecimentos sobre essa ferramenta pode impactar a comunidade onde está inserida, influenciando visões e sentimentos, podendo, assim, ajudar a mudar e a melhorar a realidade. Desse modo,

[...] entende-se que a educomunicação audiovisual dá direcionamento para transformar o indivíduo, capacitando-o a identificar melhor a informação, melhorando sua percepção dos signos do meio em que ele



vive. Em outras palavras: isso é a alfabetização audiovisual. E, certamente, o que é mais importante: é um estímulo ao pensamento, favorecendo, assim, o crescimento da vontade de saber mais (OLIVEIRA, 2008, p. 8).

Portanto, por meio do audiovisual no ambiente escolar pode-se incentivar o protagonismo juvenil, ou seja, fazer com que aquele que aprende sobre a técnica e a linguagem audiovisual amplie sua visão de social e promova mudanças na sua comunidade. Desse modo, é possível afirmar que a “Pedagogia da Imagem” favorece a inclusão dos participantes numa rede de produção audiovisual de natureza popular e alternativa e a utilização desses conhecimentos na escola e nas suas comunidades.

3. Relato da experiência com a Oficina de Produção Audiovisual

3.1. Proposta

O projeto Educomunicação e o exercício da cidadania comunicativa consiste em uma proposta pedagógica que utiliza as mídias a serviço da educação. Foram ministradas três oficinas (Produção Audiovisual, Produção Sonora e Produção de *Website*), sendo que a primeira objetivou, através da prática educacional, aproximar jovens de escolas públicas de periferia das mídias digitais no ambiente universitário proporcionando aos mesmos a aquisição de saberes relativos às técnicas audiovisuais e aos direitos humanos.

As oficinas foram desenvolvidas em duas disciplinas do Curso de Comunicação Social (Mídia e Políticas Públicas e Produção Audiovisual) e uma do Mestrado (Mídia e Pluralismo). Participaram como monitores, onze alunos dentre as habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. No presente trabalho, como já referido, vamos abordar apenas a Oficina de Audiovisual, sua metodologia e resultados, que foi onde a equipe atuou. O acompanhamento da Oficina por parte dos professores das disciplinas citadas acima, se deu na separação entre supervisão de conteúdo (Dra. Rosane Rosa) e supervisão técnica (Ms. Luciano Mattana).

As atividades ocorreram nas dependências dos Laboratórios dos Cursos de Comunicação Social da UFSM. A Oficina contou com vinte alunos participantes, dos quais dez eram da Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi e dez do Instituto Estadual Padre Caetano. Trata-se de Escolas que integram as políticas públicas “Escola Aberta para Cidadania” (Estadual) e “Mais Educação” (Federal) e com baixo



Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Foram selecionados previamente para a participação na Oficina, alunos da 7ª série do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio. Os critérios de seleção foram decididos pelas Escolas e baseados no desempenho escolar e interesse na área de audiovisual.

Durante o período de março a junho de 2011, foram realizados encontros semanais entre monitores e alunos. Os alunos dirigiam-se à Instituição através de transporte financiado pelo projeto no contraturno do período escolar. A Oficina totalizou carga horária de quarenta horas e, no final, cada aluno recebeu certificado de participação emitido pela Pró-Reitoria de Extensão Comunitária da UFSM.

Levando em conta o caráter emancipatório da Oficina, consideramos o trabalho desenvolvido enquanto política social participativa que, segundo Demo (1999, p.41) “recoloca [...] a questão da democracia, tornada também componente fundamental do bem-estar social. A característica principal dessa visão é de reconhecer que bem-estar não é dádiva, mas conquista”. Assim, além de ensinar os conteúdos técnicos relativos ao audiovisual, era necessário aliá-los ao cotidiano dos alunos. Por esse motivo, o conteúdo e os produtos produzidos foram pautados na temática dos direitos humanos.

Foi necessário, também, que se estabelecessem objetivos iniciais para a Oficina. Tais objetivos foram melhor delineados durante o processo, com a participação dos alunos, de forma que ambos e, simultaneamente, assumissem o papel de educador/educando e assim o diálogo e a interação entre os mesmos fosse reforçado. A intenção era gerar uma proximidade entre monitores e estudantes das Escolas uma vez que aqueles não estavam no seu ambiente cotidiano e poderiam sentir-se desconfortáveis com tal situação.

Entre os objetivos iniciais do projeto e da Oficina podemos destacar: contribuir para a democratização do acesso às tecnologias de informação e comunicação; proporcionar ferramentas para apropriação das técnicas de produção de mídia e audiovisual; proporcionar o empoderamento comunicacional dos jovens participantes e, em decorrência, da comunidade onde estão inseridos; estimular a produção de produtos midiáticos voltados para a conscientização da comunidade, participação popular e protagonismo juvenil. Além disso, objetivou-se proporcionar um espaço de prática política e social, bem como de exercício da cidadania comunicativa e, ainda, possibilitar reflexões e compreensão da realidade a partir da inclusão digital e da produção de conteúdos em formato audiovisual.



A proposta da Oficina foi, antes de tudo, contribuir para a transformação de jovens de escolas públicas de periferia de meros receptores midiáticos em produtores de conteúdos e produtos comunicacionais. Além disso, por conta dos conteúdos elaborados, ou seja, sobre os direitos humanos e os de cidadania, possibilitar que eles despertassem para uma análise crítica sobre as questões sociais vivenciadas no cotidiano. Assim, classifica-se a Oficina desenvolvida como

[...] um projeto humanizador de incorporação dos meios de comunicação e tecnologias da informação aos processos educativos assume, portanto, três tarefas essenciais. A primeira é universalizar seu acesso pelos cidadãos, vencendo as barreiras da exclusão. A segunda diz respeito ao seu uso para a reconstrução da memória e a livre expressão dos imaginários e identidades socioculturais. E, finalmente, a terceira envolve a promoção do diálogo intercultural. (SIQUEIRA, 2003, p.4).

Acreditamos que a Oficina atendeu às três tarefas essenciais citadas acima. Primeiro, por proporcionar que jovens de classe popular pudessem frequentar espaços da Universidade e acessar instrumentos comunicacionais que, na maioria dos casos, não fazem parte do seu cotidiano. Em segundo lugar, por permitir que tais jovens pudessem relacionar o que era aprendido nos encontros com a sua realidade através do conteúdo abordado, referente aos direitos humanos. Por fim, promoveu uma troca de experiências entre monitores e alunos pelo constante exercício de diálogo interativo entre os mesmos que, vale ressaltar, vivem em contextos socioculturais e econômicos bastante diferentes.

3.2. Metodologia

O processo de desenvolvimento da Oficina de Audiovisual começou antes mesmo dela acontecer. Isto é, antes do contato com os alunos das escolas públicas, os graduandos da disciplina de Mídia e Políticas Públicas conheceram e inteiraram-se sobre o projeto a ser desenvolvido. Nesses encontros de desenvolvimento e preparação das equipes, a professora situou os alunos quanto aos objetivos de metodologia, perfil dos participantes e a temática dos direitos humanos e cidadania. A escolha dos artigos com os quais iriam trabalhar ficou a cargo dos alunos da disciplina, que passaram a planejar os encontros.

A Oficina de Audiovisual trabalhou os artigos 18 e 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos que dizem “todos têm o direito à liberdade de pensamento, de



consciência e religião [...]” e “todos têm o direito à liberdade de opinião e de expressão [...]” respectivamente. Como conteúdo complementar, foram utilizados três artigos da Convenção sobre os Direitos da Criança: artigo 12 que diz que toda criança tem o “direito de exprimir livremente sua opinião sobre assuntos que lhe digam respeito e de que essa opinião seja levada em conta”, artigo 13 sobre o “direito de expressar suas opiniões, de obter e transmitir idéias e informação independentemente de fronteiras” e, por fim, artigo 14 que fala do “direito à liberdade de pensamento, consciência e religião, sujeita à orientação dos pais”. A pesquisa sobre quais artigos seriam mais adequados para se trabalhar na Oficina foi feita baseada no livro *Todos Temos Direitos: Um livro sobre os direitos humanos escrito, ilustrado e editado por jovens do mundo inteiro*, organizado por Miriam Goldfeder. Justifica-se a escolha de tais artigos por terem muito em comum com o universo de qualquer jovem e, principalmente, com o cotidiano de adolescentes pobres.

Após a escolha dos artigos que seriam abordados, foi preciso planejar a abordagem dos conceitos, ou seja, de conteúdo audiovisual em si. Para tal fim, a seleção dos monitores foi importante uma vez que era necessário ter na equipe, alunos capacitados em produção audiovisual, e que pudessem compartilhar o seu conhecimento com os demais. Uma vez formada a equipe de monitores, passou-se a planejar um cronograma para os encontros e elaborar um programa para a Oficina que orientou a equipe ao longo do processo. Vale salientar que o programa planejado previamente pôde ser adaptado e modificado conforme as necessidades dos alunos participantes da Oficina.

No dia 07 de abril de 2011 realizou-se o primeiro encontro da Oficina de Audiovisual. Objetivava-se, antes de tudo, aproximar os alunos das escolas e os acadêmicos. Para isso, foi feita uma dinâmica de integração, que possibilitou a todos conhecer-se melhor.

Ainda no primeiro encontro, os alunos monitores e os alunos externos foram divididos em três equipes. Essa divisão foi entendida como o melhor método para o desenvolvimento dos conteúdos técnicos, tendo em vista que em equipes menores o aprendizado tende a ser mais direcionado. Já no primeiro dia, os monitores enfrentaram algumas dificuldades, principalmente em termos de aproximação com os alunos. Atribui-se a causa desse empecilho ao fato de ser o primeiro encontro e também a certa resistência dos adolescentes em interagir com os equipamentos audiovisuais da



Universidade que, além de não fazerem parte de seu cotidiano, têm aparência bastante frágil.

Metodologicamente falando, os primeiros quatro encontros foram divididos em duas partes. A primeira, mais expositiva, objetivou repassar os conteúdos que seriam trabalhados na segunda parte, de forma mais prática ao longo desses encontros. Foi acordado, entre monitores e alunos externos, que cada equipe realizaria um produto audiovisual até o final da Oficina e que o conteúdo do mesmo deveria ser relacionado aos artigos selecionados da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A promoção de diálogo por parte dos monitores com os adolescentes, principalmente para que relacionassem o que era visto nos vídeos com a realidade cotidiana, era constante, mas, nem sempre, bem-sucedida. Era pela parte prática que todos manifestavam maior interesse. Além disso, para fins de contextualização e reflexão, foram exibidos os seguintes vídeos: *Largue sua voz*, *O que é liberdade de expressão pra você?*, *Liberdade de pensamento*, *Liberdade de expressão*, *O dia em que Dorival encarou a guarda (Curta Gaúcho)* e o documentário *Ilha das Flores*.

Os conteúdos técnicos trabalhados nos encontros foram desde a definição do audiovisual até direção, passando por técnicas de construção do roteiro, *story line*, iluminação, decupagem, etc. Para tanto, contamos com o auxílio de *slides* ilustrativos e vídeos produzidos pelos próprios alunos do Curso de Comunicação Social visando uma melhor compreensão dos conteúdos. Ademais, no início de cada um dos quatro primeiros encontros, foi entregue para cada aluno material impresso contendo, de maneira simplificada, os principais pontos a serem trabalhados no dia. Ainda dentro da metodologia utilizada, a partir do segundo encontro, foram realizados exercícios práticos aliados ao conteúdo em pauta. Por exemplo, quando o assunto tratado foi decupagem, os alunos, com o auxílio dos monitores, fizeram a decupagem de dois VT's publicitários exibidos no encontro. A mescla entre conteúdo e prática mostrou-se bastante adequada uma vez que despertava a atenção dos adolescentes ao buscar interagir com os mesmos.

Um exercício em especial, vale a pena ser destacado no presente trabalho, por ter alcançado participação total dos alunos: a realização de Oficinas de Audiovisual⁹ *online*. Divididos em suas equipes, os estudantes puderam compreender um pouco mais daquilo que estava sendo mostrado anteriormente através da prática de exercícios via internet.

⁹ Oficinas realizadas através do site www.telabr.com.br



Durante os quatro primeiros encontros, os adolescentes também tiveram contato com a aparelhagem envolvida em uma produção audiovisual no Estúdio 21. Nesses momentos, foram repassadas algumas técnicas básicas para o manuseio dos instrumentos. Ao final do quarto encontro, cada grupo produziu também um piloto com o intuito de verificar as habilidades apreendidas por cada participante. Tais atividades foram feitas a fim de otimizar o tempo de duração da Oficina e tiveram resultados bastante positivos.

A partir do quinto encontro, com todos os conteúdos trabalhados referentes ao audiovisual e aos direitos humanos, o foco da equipe passou a ser o produto audiovisual final a ser realizado por cada um dos três grupos. Primeiramente, os alunos escolheram as temáticas com as quais gostariam de trabalhar dentro da perspectiva de liberdade de pensamento e/ou expressão. Para chegar a uma definição, contaram com a mediação dos monitores e escolheram temas referentes a grafite e homofobia. Ambos os assuntos haviam sido abordados em encontros anteriores. Após esta definição, os alunos puderam praticar grande parte do conteúdo visto anteriormente: elaboração do *story line*, argumento e roteiro literário, além da decupagem. Julgou-se desnecessária a construção do roteiro técnico uma vez que o tempo era curto e não afetaria negativamente o desempenho das produções.

Três encontros foram reservados para a produção e pós-produção dos produtos finais. Identificou-se um maior interesse dos alunos na fase da produção, onde todos participaram ativamente, independente da função escolhida para exercer (diretor, ator, etc.). Durante as gravações, percebeu-se inclusive, uma maior aproximação entre adolescentes e monitores, o que evidencia o potencial do audiovisual como ferramenta da Educomunicação. Na visão dos monitores, os vídeos realizados apresentaram resultados surpreendentes por terem sido idealizados quase que totalmente pelos alunos. O conteúdo do material produzido também é de grande relevância uma vez que foge do padrão hegemônico do conteúdo exibido, principalmente, na televisão aberta. Assim, percebe-se uma mudança, mesmo que lenta, na criticidade dos jovens no projeto, bem como dos acadêmicos e culmina com a proposta da Oficina de

[...] realizar práticas educacionais, na medida em que isto quer dizer construir um *novo discurso*, é experimentar uma outra forma de convivência social. Aliás, a educomunicação, do nosso ponto de vista, é, antes de tudo, uma proposta de organização



social essencialmente diferente dessa em que estamos inseridos (SOARES, 2011).

No décimo e último dia de Oficina, dia 15 de junho, foram apresentados os produtos finais de todos e também entregues os certificados. Estavam presentes no encontro todos os alunos participantes do projeto, o que inclui as outras Oficinas (Produção Sonora e Produção de *Website*), membros da 8ª Coordenadoria Regional de Educação e os professores responsáveis. Com todos os produtos finalizados, a ideia de unir o que foi feito nas três oficinas em um único local, ou seja, no *website* produzido pelos alunos, foi concretizada. Os adolescentes, por sua vez, demonstraram emoção, orgulho e satisfação com o trabalho realizado. Vale ressaltar que todos os encontros tiveram, como ponto em comum, a realização da chamada, frente à importância da presença discente (monitores e externos) para a emissão do certificado. Além disso, houve intervalo, uma vez que além de ser um momento para descanso, é também um espaço para haja integração entre todos.

3.3. Avaliação do processo

Como método para avaliar os resultados obtidos com a Oficina de Audiovisual, foi aplicado nos alunos externos um questionário contendo quatro perguntas abertas, além das fechadas, envolvendo sexo, escola e idade. As perguntas dividiam-se em: O que significou a Oficina para mim?; O que farei com esse conhecimento?; O que mais gostei durante os encontros?; O que poderia ser diferente?. A partir da tabulação das respostas obtidas, foram observados resultados satisfatórios. Não se pode, porém, omitir o fato de que algumas respostas foram um tanto quanto vagas como, por exemplo, quando questionados sobre o que fariam com o conhecimento adquirido, dois alunos responderam apenas “muitas coisas”.

A partir da avaliação dos participantes tem-se que a Oficina de Audiovisual cumpriu com seus objetivos, uma vez que a maioria das respostas foi positiva. Quase todos os estudantes afirmaram que a Oficina significou uma “experiência muito interessante” e que pretendem “passar o conhecimento adiante” ou “colocar em prática” o aprendizado. Outro ponto positivo e ao mesmo tempo surpreendente foi que a maioria dos alunos quando questionados sobre o que mais gostaram na Oficina, respondeu “produção e edição”, “convivência com os outros” e “produção e convivência”. As respostas surpreenderam os monitores, pois estes ainda tinham dúvidas sobre o interesse



pelo audiovisual que a Oficina tinha despertado nos adolescentes. Na última pergunta, sobre o que poderia ser diferente, a maioria respondeu “nada”. Mesmo com um resultado predominantemente positivo, outras respostas dadas, mesmo que em menor número, apontaram para “produção de mais vídeos”, “mais tempo de Oficina” e “grupos mais organizados”. Estas sugestões serão levadas em conta para a possível segunda edição do projeto.

Os monitores, por sua vez, fizeram uma autoavaliação a partir dos itens: comprometimento e responsabilidade; planejamento dos encontros; qualidade do conteúdo, didática, metodologia; integração e motivação da equipe. As respostas, em geral, também foram muito positivas, mas com algumas ressalvas. A principal delas diz respeito ao fato de trabalhar-se pela primeira vez com alunos de escolas públicas de periferia. Os universitários nunca haviam estado na posição de educador/educando concomitantemente, o que tornou a tarefa mais difícil e, ao mesmo tempo, instigante. Os monitores mostraram-se igualmente comprometidos e engajados para construir um programa suficientemente atrativo para os adolescentes. Para isso, a interação com os mesmos foi fundamental. Dessa maneira, foi possível conhecer melhor o cotidiano dos jovens e trabalhar os direitos humanos nesse contexto. Os jovens responderam muito bem aos estímulos audiovisuais, o que mostra a validade da utilização dos meios de comunicação dentro das propostas de ensino como salienta Siqueira (2003, p.7):

A Pedagogia da Imagem proporciona não apenas a inserção dos parceiros num circuito de produção audiovisual de caráter popular e alternativo, mas também a reflexão e a sistematização de conhecimentos acerca da participação ativa dos aprendizes no espaço educativo e nas suas comunidades. Os vídeos realizados geralmente tematizam a realidade das crianças e adolescentes da periferia, demonstrando que, ao compartilharmos os saberes “museais”, promovemos a sua capacidade de proferir o próprio discurso, de projetar a própria imagem e, portanto, escrever a própria história.

Assim sendo, considera-se que a Oficina de Audiovisual foi realizada com êxito. As ações planejadas foram quase todas executadas, com exceção daquelas que precisaram ser reformuladas ou em função do tempo ou pela aptidão dos participantes. Ademais, através da democratização dos meios de informação, os produtos finais desenvolvidos simbolizam que os adolescentes participantes aprimoraram sua



criticidade e potencial criativo ao longo do processo, exercendo o protagonismo juvenil. Por fim, é possível detectar que o caráter educ comunicativo da Oficina foi consolidado, tendo em vista que, algumas das falas dos próprios alunos externos expõem o desejo de repassar para outros o conhecimento adquirido na experiência vivenciada.

4. Considerações finais

O projeto Educomunicação e o exercício da cidadania comunicativa mostrou-se de grande importância para ambas as partes envolvidas, tanto a Universidade Federal de Santa Maria quanto as escolas públicas de periferia. A metodologia da Educomunicação possibilitou que todos os participantes exercessem a função de educador/educando. Uma das causas que possibilitou a troca de papéis é a de os acadêmicos e os adolescentes das escolas viverem em realidades muito distintas. Assim, a pauta dos direitos humanos na abordagem dos conteúdos mostrou-se muito apropriada por despertar o raciocínio crítico nos participantes. O audiovisual, por sua vez, através da “sintonia com as culturas juvenis” (RONSINI, 2009, p.121), consagrou-se como uma ferramenta potencial para trabalhar a Educomunicação. Como um dos principais objetivos atingidos, pode-se citar o desenvolvimento do protagonismo juvenil uma vez que o projeto aguçou a criticidade dos jovens envolvidos, principalmente em relação à visão hegemônica dos conteúdos transmitidos através de grande parte dos meios de comunicação de massa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Bia; BRANT, João. **Direitos humanos e comunicação democrática: o que vem antes?** Texto escrito para o Encontro Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho, em 2005, a pedido da ONG Repórter Brasil.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GAIA, Rossana. **Educomunicação & mídias.** Maceió: Edufal, 2001.
- GOLDFEDER, Miriam. **Todos Temos Direitos: Um livro sobre os direitos humanos escrito, ilustrado e editado por jovens do mundo inteiro.** São Paulo: Ática, 2010.
- OLIVEIRA, Maurício Elias de. **Por dentro de uma Oficina de Vídeo: Educomunicação e Audiovisual.** Santos: Unimonte, 2008.
- RONSINI, Veneza Mayora. **Estudos de audiências e de recepção da telenovela: a juventude em cena.** In: Maria Immacolata Vassallo de Lopes (Org.). *Ficção televisiva no Brasil – temas e perspectivas.* São Paulo: Globo, 2009.



SIQUEIRA, Juliana Maria de. **Pedagogia da imagem: uma abordagem da ação educativa em audiovisual.** Disponível em:

<http://www.cleabrasil.com.br/Grupos/GRUPO%20%20AZUL/PEDAGOGIA%20DA%20IMAGEM%20-%20UMA%20ABORDAGEM%20DA%20A%C3%87%C3%83O%20EDUCATIVA%20EM%20AUDIOVISUAL.pdf>. Consultado em: 07/06/2011.

SOARES, Donizete. **Educomunicação: o que é isto?** Disponível em:

http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educunicacao_o_que_e_isto.pdf. Consultado em: 07/06/2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Alfabetização e Educomunicação. O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida.** Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>. Consultado em: 08/06/2011.